

Viagem de Volta à Casa da Memória*

Carlos Rodrigues Brandão

Departamento de Antropologia - IFCH/Unicamp

Antes de

Para o Armando

Fossem as eras dos tempos de açucenas
e seria possível dizer aos tracaçãs
e aos bichos da areia do Araguaia
que não era ainda a hora de morrer.
Dizer ao sono dos seres da floresta
como outra vez em junho, como em junhos
que as águas voltariam a baixar
e entre um pé de andu e o horizonte
viria um dia de sal e amor de maio.

Isso se fossem outros os dias e a memória
e longe, como um sino antigo, acaso
soasse o entressonho das araras.
Seria quando nesse reino de águas e vestígios
viesses passar nas águas a cor da vida
e sem temor do novo um barqueiro olhasse o alto
e de si dissesse, e do destino:
não há no céu nenhum avião de carreira.

Goiânia, 1986



Aranjuez

Tinha essa suspeita de si mesmo
e que é nada e ele esquece e lhe sufoca
o coração do esquecido e da memória.
Tinha um roteiro de filme e três imagens
de cera, de cal e desespero.
Tinha no chão da alma uma ferida
que nem mel não cura e nem o toque
do corpo bom e nu de seis meninas.
Trouxe no lenço uma frase escrita
que é de dor e maio e faz escuro
quando passa um frade, uma criança
um touro indeciso e um homem triste.
Viaja só e vai de alma em riste
não acredita em reza e feiticeira
em bailes de agosto e madressilvas.
Só crê no que lembra e isso é pouco:
um sorriso, um dia, uma avenida.

Córdoba, 1985

* Doze escritas sobre os ofícios de lembrar feitos perto
de casa e longe dela.

Degredo

Estavam os objetos amorosos do dia:
óculos quebrados, um marcador de livros
uma faca sem corte, uma caneta inútil
pregados no vidro opaco da memória.
Estavam como asas de gaivotas do norte
mortas na manhã da praia de tanto voar
em busca de flores e esmeraldas.
Generosos como a terra ao sul em março
estavam ali, atentos, esquecidos
do olhar do homem, dia e noite vivos
na densa nuvem do esquecimento. Objetos
sem uso já, de tanto uso
como fantasmas estavam, mas também
como um anúncio do poder dos deuses
e do amor de dançarinos, magos e meninos.

Entre Assis e Milão, 1986

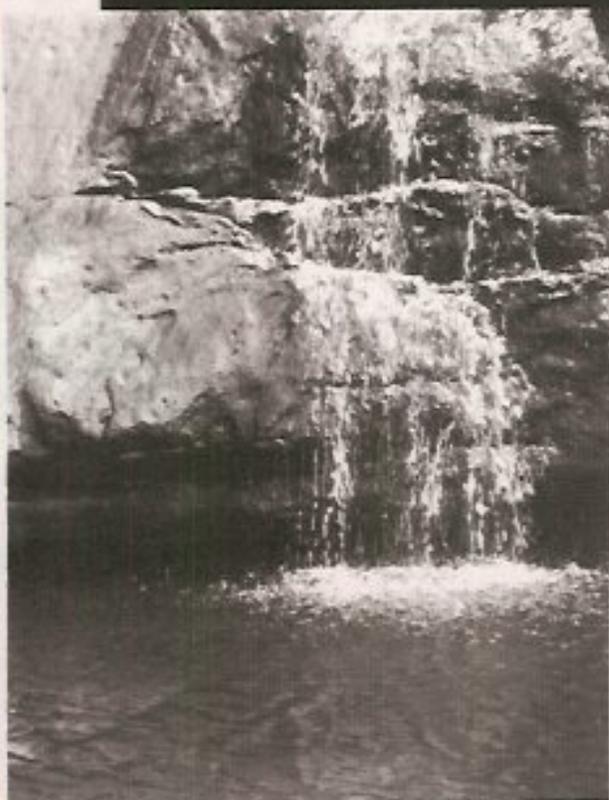


Emaranhado

E nem era a hora ainda
e não chegara a era do esperado.
Olha, amigo, a aurora é sempre ontem
e, fora o tempo, tudo passa
e isso é, amigo, infundo.
Há palavras que são, qual o silêncio
a saudade da amora não comida.
Quem procura não acha nem agora e
nem nunca. E, como o barco, vai perdido.
Tudo volta? Não sei. Tudo é achado?
Tudo volta e retorna e é medido?
Pois à noite parece que só há história
no desencontro do sempre e do sentido.
Não se jogue o feito na memória
e nem a alma vivida no esquecido.
Se os anjos não lembram, eles vivem?
Vivem os bichos que lembram e não dizem?
Ou mesmo a morte, que nunca soube disso?
Não sei. Quem sabe? Que teoria?
E há nesse saber alguma escrita?
Há, me diga, em tudo isso algo que se conte?
Ao menos a receita de uma velha falecida?
Pois, do que eu sei guardo apenas isto:
o amor é bom, amora bem comida
e o pensar cansa a alma e apressa a vida,

Pocinhos do Rio Verde, 1993





A Neve em Perúgia

Não cai a neve agora, caiu ontem
e o rosto branco do frio cobriu a noite.
O quarto vento vindo da toscana
trouxe esses grãos de alvura e pranto.
Depois de três ruas e duas pontes
imaginai uma casa de pastores:
a hora da volta do campo, um canto
o pio da gralha e um cão que lembra
o olhar de uma velha na janela
e um guia dos Alpes, agora cego.
O cajado, a bíblia, o campanário
que a cada oito dias lembra a morte.
A memória dos velhos coruja no telhado
agora não é mais e não foi sempre.
Mas houve um tempo, um baile e essa renda
guardada na gaveta da ante-sala.
Essa história igual e tão sem outra
como o olhar da velha, o vinho e a vida.

Perúgia, 1992

O Obscuro

Agora seja e pronto
e aqui o ser me venha.
O sol se põe agora e sou
e é hora ou o espelho?
Eis-me e, entanto, isso é
a vida? A ruína? O amor?
Ou o veio que vai do sangue à flor?
A água dura arranha a pedra e amanhece.
O eterno flui e esquece e dura o efêmero
e sem termo o tempo é hoje e é vento
e passa. E passo e volto ao fim? De quem?
Do que? A sina de ser queima meu rosto
e o oco do acaso se pergunta: muda o quê
se a areia enguiça na ampulheta
e há no ar um gesto de incomum?
Abraço o que há ao lado e no escuro
sem saber se me fere ou abraça, pois
é tarde e a tarde tarda
e quem me salva de ser?
Ouvindo a voz do logo e não a mim
vejo que tudo e todos somos um.¹

Petrópolis, 1990

¹ Como em Heráclito de Éfeso, dito: o obscuro

Outono

Venho de longe, minha amiga. Venho.
Andei sem calendário, sem destinos
entre países de sal e primavera.
Reinos estranhos onde um aroma de hortelã
era tudo o que um rei tinha pra reinar.
Andei errante e foi meu dono o vento
e vivi entre povos onde basta à noite
o canto e o mar.
Por isso mesmo, vindo de tão longe
nada tenho que te dê: nem pão nem flor.
Vaguei? Não sei. Andei? Estive sempre
ao teu lado, à volta desta tarde
dessa frase escrita a cal no muro
dessa tão minha vontade de ficar?
E agora setembro nos devolve à dor
de havermos escapado do silêncio
sem louvar a Deus e ao esquecimento.
Se uma estranha lembrança, passageira
outra vez nos esquece nesta praia
quem saberia por que a flor de maio
não abriu ainda a rosa ao dia?
Ou por que esses vulcões da Nicarágua
estão cobertos de neve e são aos homens
leves, como é leve o fogo e leve o breve
lembrar por um momento disso tudo.
Não sei. Não somos e eu não trouxe nada
e o nome obscuro do sofrimento fere.

Buenos Aires, 1988

Ripa

Há rostos que mudam
e traem os tempos.
O desejo do novo
deixa sulcos
no rosto cansado
da memória. Por isso
escondida de quem
sobe o monte
ao Sul de Assis
a do santo
Ripa, a antiga
ao redor da cidadela
armou a muralha
dos prédios de agora.
De esmalte e cimento
e não de pedras
com varanda e janela
eles olham para fora.
A alma dos mortos
e um bando de pombas
vagam sem rumo
na tarde sem pressa
porque os vivos
sem nome e sem ontem
com compassos e réguas
mudaram tudo à volta
de uma velha que à tarde



Os Outonos Cúmplices

Para o Joel

A amizade mancha.
Ela marca o outro de uma cor igual
pois entre amigos de muito tempo
há gestos cúmplices entre mortos e afilhados.
Alguns partiram cedo. Deixam nomes e a falta.
Mas os outros ficam e se reúnem, e há ritos
pois acaso viaja a alma do morto
sem a mão do que ajeita entre as flores
um último nó na gravata?
Há bodas de prata e entre barbas ralas
restos de afeto deixados no tapete.
A amizade envelhece, usa bengalas
reaprende manias e resmungo.
O olhar demora no rosto do amigo
pois as almas voltam nele à casa.
As mãos afagam ombros e o antebraço
e os dois se amparam no meio da ladeira.

Petrignano di Assisi, 1992

Sentado, a Cabeça Baixa

A morte cansa o corpo
e por isso a alguns os homens dão estátuas.
Corpos atílicos a cavalo, as patas da frente
levantadas, como a quimera do eterno
a fim de que os vivos toquem o imorredouro.
Mas a estátua de Gandhi, colocaram os ingleses
no centro de Tavistock Square, em Londres.
Ali, num lugar calmo e sem valor
entre ninhos e edifícios de ciência e arte.
Como apenas uma manta leve cobre o corpo
do bronze escuro, esse indiano sente frio.
As pernas cruzadas, como quem viaja com a alma
e os olhos baixos de quem já conhece o caminho.
Ei-lo deixado ali para que a paz tenha um vulto
e, ao passar, quem passe lembre dela.
Ei-lo ali, deixado, sentado e só.
Sentado, a cabeça baixa.

Londres, 1989

Um Velho em Brunico

Era um pouco depois do meio-dia
fazia frio e havia neve à volta
mas era o céu azul e a tarde amena
nesses altos dos Alpes, nesses altos.
Por isso bocejou e disse
a palavra *basta*, e havendo dito
pensou que morria, e era disto.
O trem tardava na estação vazia
e se viesse a morte antes (pensou)
a tomaria e pronto. Tudo é viagem.
Mas (depois) não. Melhor viver.
A morte era o ensejo desse dia
mas a vida vale um pouco mais ainda:
um outro trago entre amigos, a boca
limpa no pano do punho da camisa.
O cigarro aceso e ver a cinza
fazer a torre infinda do efêmero.
Ou menos do que tudo e sentir só
o vento anil da Áustria pelo rosto
como (faz tempo) no gesto do menino.
A vida vale (lembrou) e vale ainda:
a chegada do trem das seis, de um outro neto
o resultado do jogo, a loteria da sexta
e a promessa de amor, cumprida enfim
(a que um dia prometeu um adivinho).
Melhor viver (pensou) e entrou no bar
saudou dois ou três com um leve aceno
escolheu a mesa mais perto da janela
e a vontade de morrer matou com vinho

Brunico, 1988

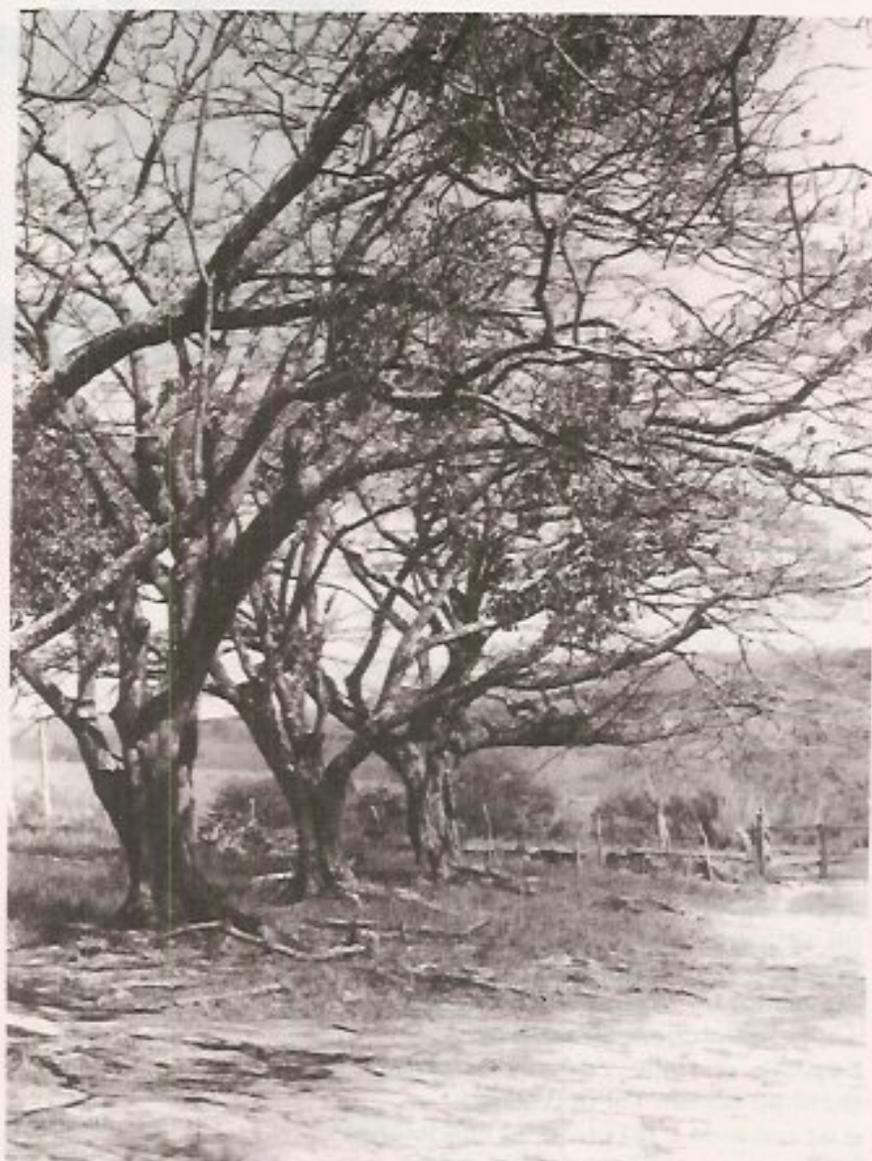




Valença e Tui

A um lado e outro do rio Minho
o coração descansa e lembra ontem.
Alguns peixes nadam rio acima
e mesmo o sofrimento é em silêncio.
Cobertos de pó os corpos são memória
e conhecem de cor o caminho de casa.
Pelas ruas se passa e pelos rios
e as almas do mundo vagam na corrente
entre as margens onde as garças pousam
e os homens se matam e na entressafra
constroem conventos e currais.
Às vezes, aos lados há pinheiros
e há vinhedos e sinais da vida
e se imagina moças e garrafas
gaitas de fole e o som de dois pandeiros
na alegria de julho, quando é quente.
Um colar no pescoço, um véu, um rosto
um aceno de adeus e a mesa posta
à espera de quem virá um dia:
amanhã, no Natal... depois de morto.
O Minho separa Tui de Valença
e de um lado e do outro há candelárias
e altares e mantilhas de cor negra.
Há em Valença festas ao Senhor dos Esquecidos
e em Tui à Virgem Maria da Quinta Angústia.
Todos crêem mas Deus é estranho e errante
e sobre o destino dos outros conta pouco
e ora protege um lado, e depois outro.
Por isso em Tui e em Valença, sobre o Minho
há igrejas, fortalezas e canhões.

Valença do Minho, 1992



Com vassouras e sonhos
varre as folhas do outono.
Varre as almas, e chora.

Petrignano di Assisi, 1992